

O Risco que Deus Corre: Uma Explicação Contextual de Gênesis 2.4b-4.7

*Robert Butterfield**

Sinopse

O presente artigo consiste em uma tentativa de interpretar a história de Adão e Eva tomando por base o seu contexto textual imediato (o conto P - ou "sacerdotal" - da criação e a história de Caim e Abel) e o seu contexto mais amplo (as idéias-chave da Bíblia Hebraica). Tal metodologia permite identificar rapidamente aquilo que importa temática e logicamente na história, levando assim a uma nova interpretação e refutando também vários erros interpretativos tradicionais.

Palavras-chave: Pecado; Queda; Liberdade; Humanidade; Auto-Engano

Abstract

This article is an attempt to interpret the story of Adam and Eve in the light both of its immediate textual context (the P - "Priestly" - creation story and the story of Cain and Abel) and of its larger context (the key concepts of the Hebrew Bible). This approach enables the reader to identify quickly what is thematically and logically important in the story, leads to a fresh interpretation and refutes a number of traditional misreadings of the text.

Key words: Sin; Fall; Freedom; Humanity; Self-Deception

* Doutor em Teologia pela *Lutheran School of Theology at Chicago* (LSTC); ex-professor de estudos bíblicos na *Loyola University* e outras faculdades de nível superior. Atualmente pastor de uma comunidade da Igreja Unida de Cristo (*United Church of Christ*) em Sterling, Illinois, Estados Unidos.

1 Introdução: As Regras do Jogo

Nosso problema é como revelar neste espaço limitado o significado de um relato que, segundo a maioria dos críticos, contém tanta complexidade interna que o intérprete deve acautelar-se de pensar que o texto possui apenas um só significado.¹

Os críticos acreditam que, desde um período muito anterior à formação do texto atual, o relato da criação (2.4b-25) existia separadamente do de Adão e Eva (cap. 3).² Eles concordam também em dizer que por detrás da forma atual do texto jazem várias tradições que, bem antes de o narrador javista lhes dar o retoque, já haviam se integrado bastante umas com outras. É verdade que a forma atual do texto ainda possui brechas, fendas e soldaduras³ e que é fácil separar uma tradição da outra. Mas o narrador consegue fazer das duas tradições uma nova entidade, tão bem combinada, que as várias irregularidades do texto, em lugar de apontar para trás, dão um caráter misterioso ao texto atual.⁴

Von Rad faz notar o curioso fato de que nenhum outro texto da Bíblia Hebraica se refere a Gênesis 2-3, o que leva à conclusão de que o narrador javista deve ser apreciado na sua esplêndida solidão, enfrentando a tradição recebida, e de que, por outro lado, não deveríamos esquecer que o tema principal da obra *javista* é o pacto entre Deus e seu povo. Diante disso, Gênesis 2-3 tem que ser interpretado em sua estreita conexão com tal conceito-chave.⁵ Com efeito, num famoso ensaio sobre o problema teológico do Antigo Testamento, von Rad chegou à conclusão de que a criação é um tema menor em comparação com a fé israelita na salvação histórica.⁶ Em outras palavras, a fé dos israelitas se originou da sua experiência de libertação no êxodo⁷ e só muito depois desenvolveu-se em Israel uma teologia da criação.

1 Gerhard von RAD, *Genesis*, p. 100. [Para referências bibliográficas completas deste e dos demais títulos citados, cf. as Referências Bibliográficas no final do artigo.]

2 *Ibid.*, p. 99.

3 *Ibid.*

4 *Ibid.*, p. 100.

5 *Ibid.*, p. 102.

6 Veja Brevard CHILDS, *The Biblical Theology of the Old and New Testaments*, p. 109.

7 Veja *Interpreter's Dictionary of the Bible*, v. 2, p. 196.

De tudo isso podemos concluir que uma maneira excelente de se conseguir economia científica na interpretação do texto, apesar de sua grande complexidade, seria relacioná-lo com os conceitos-chave da Bíblia Hebraica, avaliando-o desde a perspectiva de sua relevância para a compreensão de tais conceitos. Essa maneira de proceder nos parece preferível a qualquer outra.

2 O Contexto Literário Mais Próximo

Em primeiro lugar, devemos prestar atenção no contexto textual mais próximo de Gênesis 2-3, isto é, ao conto P (ou “sacerdotal”) da criação. Num dos meus artigos anteriores mostrei que Gênesis 1:1-2:4a serve como introdução à Bíblia Hebraica, uma vez que apresenta o ser humano como possuindo todas as belas qualidades necessárias para que possa desempenhar o digno papel de representante de Deus na terra. Se o ser humano cumprir o que deve, fará com que o Sábado Eterno⁸ se aproxime, até finalmente Deus se tornar plenamente presente na terra. É importante notar que, segundo a maioria dos críticos, Gênesis 2.4b-3 não quer ser, nem pode ser, interpretado como se fosse uma introdução alternativa.⁹ Então, Gênesis 2-3 pressupõe Gênesis 1.1-2.4a. Além do mais, a ação de Gênesis 2.4b-3 não se desenrola num tempo histórico, como se Adão e Eva fossem as primeiras pessoas históricas e nós fôssemos os herdeiros deles. Antes disso, a ação de Gênesis 2.4b-3 se desenrola num presente eterno,¹⁰ isto é, o sentido do relato de Adão e Eva é de que aquilo que acontece aos dois pode se repetir toda vez que qualquer ser humano desempenhe o papel descrito pelo conto P.

Assim, se Gênesis 1.1-2.4a serve de introdução à Bíblia Hebraica, Gênesis 2.4b-3 marca o início da ação dramática, revelando algo inerente a toda a ação seguinte. Torna-se evidente que as dificuldades que Adão e Eva encontram no jardim são as mesmas que o povo de Israel encontrará mais tarde e que essas estão estreitamente ligadas aos conceitos-chave da Bíblia Hebraica.

8 Veja Gn 2.2-3.

9 Veja CHILDS, *The Biblical Theology...*, p. 113.

10 Von RAD, *Genesis*, p. 85.

Quanto à economia científica que procuramos, tentaremos simplesmente oferecer uma explicação lógica do texto no que diz respeito aos seus dados internos. Também procuraremos vincular a explicação ao conto P e aos conceitos-chave da Bíblia Hebraica, de tal maneira que qualquer outra explicação do texto parecerá menos provável. E, apesar das opiniões recebidas, vamos ter condições de afirmar que, de fato, Gênesis 2.4b-4.7 tem um significado só.

3 Explicação do Primeiro Trecho: Gênesis 2.4b-25

Visto que Gênesis 2.4b-3 pressupõe Gênesis 1.-2.4a, quaisquer personagens que apareçam agora no relato devem estar cientes de que são feitos segundo a imagem de Deus e de que estão imbuídos de todas as qualidades necessárias para desempenharem o papel de representantes de Deus na terra. Dentre tais qualidades destacam-se a imensa inteligência do ser humano, assim como a sua grande capacidade de assumir responsabilidades. Lembremo-nos de que, conforme o conto P, o ser humano não é absolutamente um robô. Longe disso, ele não pode ser autenticamente humano se não for livre, sobretudo porque Deus mesmo é livre e o ser humano tem a responsabilidade de representar Deus. A liberdade se constitui, assim, como um elemento essencial da humanidade, ou seja, a humanidade exige um contexto de liberdade para realizar-se e para chegar a ser interessante o quanto Deus queria. Na explicação desse trecho tão cheio de detalhes capazes de distrair-nos, vamos nos limitar a ressaltar os fatos mais significativos.¹¹

11 Ao meu ver, o problema de quase todos os comentários tradicionais é justamente vaguearem por detalhes que carecem de importância.

4 Os Fatos Mais Destacados em Gênesis 2.4b-25

A - O ser humano, ou melhor, o terrestre, como é chamado no v. 5, nada sabe da extrema precariedade de sua própria existência. Não sabe, por exemplo, que Deus o formou do pó do chão. Então, sem sabê-lo, o terrestre é uma criatura frágil e totalmente dependente de Deus, o qual lhe dá tudo, até mesmo o fôlego da vida. O terrestre sabe que possui belas qualidades, mas é ignorante de sua própria fraqueza e também da enorme diferença que existe entre ele e Deus.

B - O terrestre ainda não é um ser sexualmente diferenciado. Nessa altura fica assexuado. O substantivo hebraico “adam” (adão) significa simplesmente terrestre e no relato ainda não passou a ser um nome próprio masculino: “adão” sugere apenas que essa criatura vem do chão ou que é conectado ao chão.

C - Deus coloca o terrestre num belo jardim, bem aguçado, cujas árvores são agradáveis e produzem boas frutas, sobretudo a árvore da vida e a árvore do conhecimento de tudo. Em hebraico, a frase “do bem e do mal”¹² significa “de tudo”. É importante notar que não se trata aqui apenas de conhecimento moral, mas sim de compreensão total. Se o crítico não prestar atenção a esse detalhe retórico (que se chama de merisma), talvez acabe dando ênfase ao que não deve.¹³

D - Deus delega ao terrestre a responsabilidade de lavar e de administrar o jardim, o que era previsível e lógico, visto que o conto P o prefigura. E porque tal delegação de responsabilidade é muito compatível com as legítimas expectativas e as faculdades do terrestre, ele deve acreditar que Deus o está preparando para um alto cargo administrativo.¹⁴ Em outras palavras, tudo indica que Deus está fazendo o terrestre cursar gerência, ou seja, um programa de desenvolvimento pessoal,

12 Veja 2.17.

13 Porque o estudo da retórica hebraica só se desenvolveu recentemente, muitos críticos que escreveram num período anterior enganaram-se, enfatizando o tema de discernimento moral, como se Deus quisesse privar o terrestre do conhecimento sexual. Na verdade, a sexualidade é um tema menor em Gênesis 2.4b-3, sendo positivo o que se diz a respeito em 2.4b-25. O fato é que simplesmente Deus não quer que o terrestre saiba tanto quanto Ele mesmo.

14 Mesmo que ele ignore sua própria precariedade, essa inferência parece ser bem justificada.

no qual poderá aprimorar suas qualidades, a fim de melhor desempenhar o papel que Deus já havia dado aos seres humanos no conto P e que novamente é dado agora.¹⁵

E - Deve-se admitir que o comando divino que diz ser permitido ao terrestre comer livremente de toda árvore do jardim, mas não da árvore do conhecimento total, leva a uma confusão. Gramaticalmente, não se deveria dizer “toda árvore” quando alguma árvore está excluída. Além disso, tal limitação não se coaduna com a natureza mesma da inteligência humana que, por definição, é algo que, na melhor das hipóteses, vai sempre avante. Assim, esse comando se torna incompreensível, tanto para o leitor como para o terrestre, uma vez que parece desmentir, ou negar, a humanidade do terrestre. Talvez Deus não veja nenhuma contradição, mas tudo contribui para que o terrestre interprete mal, ou, simplesmente, fique confuso.

F - A essa altura, não podemos saber, com certeza, o que Deus quer dizer quando proclama que o terrestre vai morrer se comer da árvore do conhecimento total. Em todo caso, visto que o terrestre ignora tanto as origens como os fins, o conceito “morrer” é, para ele, bastante misterioso, aumentando a sua confusão.¹⁶

G - Aprendemos em 2.18 que Deus está preocupado com o fato de o terrestre viver sozinho. Graças ao conto P, já sabemos que Deus também experimenta a solidão e não gosta dela. Aparentemente, Deus é tão sintonizado com os sentimentos do terrestre que procura um modo de afastá-lo da solidão. Com essa finalidade, Deus decide criar para o terrestre uma “ajuda”. Uma vez que a palavra hebraica usada para dizer ajuda é “ezer”, que na Bíblia Hebraica só se aplica a Deus, suspeitamos que essa ajuda vai ser muito agradável e boa.¹⁷ Notemos também que Deus se apresenta aqui como sendo muito sensível e atencioso para com o terrestre.¹⁸

15 Veja 2.15.

16 Veja Claus WESTERMANN, *Creation*, p. 89.

17 Cf. von RAD, *Genesis*, p. 82. Por não prestar atenção ao uso bíblico do termo “ezer”, von Rad faz uma interpretação nitidamente sexista e errada.

18 Veja WESTERMANN, op. cit., p. 19. Westermann afirma que não pode haver comando nem conseqüências deste se não houver uma ligação pessoal com quem manda. Em 2.18-22 Deus faz um grande esforço para estabelecer tal ligação com o terrestre.

H - A criação dos animais se explica no texto pelo desejo divino de prover o terrestre de uma ajuda que lhe seja idônea. Notemos que a noção de ajuda idônea se exprime em hebraico através de uma expressão que quer dizer literalmente “oposta a ele”,¹⁹ no sentido de que tal ajuda é complementar ao terrestre.

I - Notemos também que Deus permite ao terrestre dar um nome a cada um dos animais, o que é um grande privilégio para o terrestre, uma vez que o nome tem condições de determinar o caráter das coisas e das criaturas, isto é, tudo tem tendência a ser o que o seu nome diz que é.²⁰ Assim, o terrestre recebe o privilégio de determinar o caráter de seu próprio ambiente. Por ser tão grande, tal privilégio se constitui para o terrestre como mais um testemunho de que Deus o está preparando para um alto destino, fato que leva o leitor, assim como o terrestre, a acreditar que a proibição de comer da árvore do conhecimento total deve, de qualquer maneira, ser errada.

J - Quando Deus não consegue achar uma ajuda idônea para o terrestre, Deus decide colocá-lo num sono profundo. Da mesma forma, como o terrestre não é ciente de sua própria fragilidade ou origem, não vai ser permitido a ele presenciar a criação dessa ajuda. Esse fato nos chama a atenção para duas coisas: a enorme diferença entre o terrestre e Deus; e o grande amor de Deus para com o terrestre, amor testemunhado pelo desejo divino de protegê-lo.

K - Com um osso extraído do terrestre, Deus forma uma fêmea, que é a primeira pessoa sexuada no relato. Olhando-a pasmado, o terrestre percebe, imediatamente, que ele mesmo é macho; até então ele não o sabia. Contudo, ele fica muito feliz, proclamando que finalmente passara a existir uma ajuda perfeitamente idônea para ele. O fato de compartilharem um osso quer dizer simplesmente que os dois são profundamente solidários um ao outro.²¹ O narrador tenta realçar essa solidariedade, dizendo que a mulher (“*ishah*” em hebraico) foi criada a partir do homem (“*i’sh*” em hebraico). Na verdade, esses

¹⁹ Veja von RAD, *Creation*, p. 82.

²⁰ *Ibid.*, p. 83.

²¹ *Ibid.*, p. 85. Von Rad ressalta que a solidariedade humana existe realmente no tempo presente e não ‘no país das fadas’.

vocábulos não têm parentesco algum, mas no que diz respeito ao som, eles parecem similares. O truque sucede muito melhor em inglês: “*man/woman*”. Desse ponto em diante, Adão é definitivamente masculino. No fato de o terrestre se descobrir, na presença da mulher, há uma grande verdade: somos seres sociais e sexuais. Diante dos demais é que descobrimo-nos e desenvolvemo-nos.

L - Cabe mencionar também que os versículos 24-25 ressaltam a poderosa atração que existe entre o macho e a fêmea. Essa atração se apresenta como algo extremamente bom, daí podermos inferir que Adão e Eva são bem amados por Deus e que estão avançando no seu curso de gerência. A velha idéia de que Adão e Eva não entendem a sexualidade, como se brincassem sem dar conta do que faziam, é desprovida de justificativas textuais. Com efeito, tudo leva a crer que eles gozam com conhecimento. Se eles fossem seres ignorantes, ou se Adão não acabasse de chegar a uma considerável consciência de si, talvez a situação pudesse ser diferente.

A propósito, o fato de eles estarem nus, sem vergonha alguma, não implica, absolutamente, que sejam tão ingênuos, mas, simplesmente, que os israelitas como Adão e Eva têm um entendimento positivo da sexualidade. Na cultura israelita, a nudez entre mulher e marido nunca foi um motivo de vergonha; pelo contrário, é sempre uma delícia. Por outro lado, a nudez diante de estrangeiros ou de inimigos é algo bem diferente, e com certeza é motivo de medo, visto que o mundo antigo era perigoso e violento. Por exemplo, a expressão hebraica “por a cintura”, encontrada tão freqüentemente na Bíblia Hebraica, quer dizer “preparar-se para a guerra”. Considerados esses aspectos, contanto que Adão e Eva fiquem à vontade no jardim, não há nenhuma razão para eles terem medo ou vergonha por estarem nus.

5 Observações Sobre O Primeiro Trecho

O imenso prazer que Adão e Eva experimentam no sexo deveria ser interpretado como sendo mais um belo presente divino, tal como o privilégio de dar nome aos animais. Assim, Adão e Eva devem acreditar, com ainda mais certeza do que antes, que Deus está preparando-os para um destino caracterizado pela responsabilidade, pelo privilégio e pelo desenvolvimento pessoal. Tal conclusão parece completamente lógica, se levados em conta todos os dados de que o casal dispõe.

6 Vínculos Com o Contexto Literário Mais Amplo

Até aqui, temos falado muito da lógica interna do texto. Agora devemos dizer algo sobre os vínculos que existem entre Gênesis 2.4b-25 e alguns dos conceitos-chave da Bíblia Hebraica. Começemos por fazer uma observação bastante óbvia. Visto que a Bíblia Hebraica é uma coletânea extremamente variada, que faz um esforço tremendo para incluir as opiniões mais diversas, seus editores finais enfrentaram a difícil tarefa de fazer com que essa coletânea tão desigual adquirisse tanta coerência temática e teológica quanto possível. Estes editores, atuando no período pós-exílico, estiveram a par das conclusões as quais tinham chegado o deuteronomista e os vários profetas envolvidos no exílio. Após um longo período de reflexão - o exílio babilônico durou uns cinquenta anos - esses escritores afirmaram que os israelitas tinham perdido a sua liberdade, assim como o seu país, por terem feito uma má escolha, preferindo fazer o culto de deuses falsos, enquanto descuidavam do Deus de Israel. Além disso, afirmaram ter descoberto qual era o papel específico que Deus havia delegado a Israel: Deus queria utilizar Israel como instrumento de evangelização entre as nações. Para que Israel pudesse desempenhar tal papel, Deus julgou necessário castigar Israel e purificá-lo, fazendo-o passar pelo fogo purificador do exílio (tal fogo sendo a imagem principal do

livro de Isaías].²² Considerando-se tudo o que Deus fez nesse período, o mais importante foi libertar os israelitas do exílio, isso porque a liberdade é parte imprescindível da humanidade, tal como percebemos na Bíblia Hebraica.²³ E, se Israel ia servir como instrumento de evangelização entre as nações, a liberdade dos israelitas tornava-se ainda mais necessária.

Exatamente porque os israelitas passaram finalmente a entender o seu próprio papel como o povo de Deus e a enorme importância de ficarem livres, que os grandes textos narrativos da Bíblia Hebraica focalizam a liberdade. A maioria esmagadora dos estudiosos bíblicos tem afirmado que o evento-chave na história de Israel é o êxodo do Egito.²⁴ O livro de Êxodo diz que Deus ouviu os gemidos do seu povo escravizado no Egito, e lembrou-se do pacto que tinha feito com os patriarcas.²⁵ A interpretação desse fato é que Deus tem compaixão de povo sofrido. Mas é mais importante perceber que Israel não podia servir ao plano divino de salvação das nações e, de fato, da criação toda, a menos que fosse libertado. Imediatamente após o êxodo, surge o problema de como Deus vai garantir que os israelitas nunca mais venham a perder a liberdade e que nunca mais recaiam na escravidão ou na opressão. Antes de mais nada, Deus quer evitar que Israel torne-se um novo Egito. Deus faz com que os israelitas vaguem por quarenta anos no deserto porque eles ainda não têm condições de apreciar a sua nova liberdade. Com efeito, falam frequentemente no desejo de voltarem para Egito, renunciando, assim, à liberdade.

Enquanto isso, Deus precisa de tempo para desfazer tal tendência e para solucionar o problema de como mantê-los livres. Por fim, Deus encontra a solução perfeita: transmitir-lhes a *Torah*, que é destinada a institucionalizar a liberdade dos israelitas, e assim prevenir que tornem-se novamente escla-

22 Para uma discussão detalhada das mudanças teológicas que aconteceram durante o exílio babilônico veja Ralph KLEIN, *Israel in Exile: A Theological Interpretation*, sobretudo p. 1-8 e 97-124.

23 Veja WESTERMAN, *Creation*, p. 90.

24 Veja CHILDS, *The Biblical Theology...*, p. 110.

25 Êxodo 2.23-24.

vos.²⁶ Então, não estaríamos exagerando se dissessemos que a liberdade, tanto de Israel como de todos os seres humanos, constitui-se como o tema central da Bíblia Hebraica. Por conseguinte, Adão e Eva, dois seres humanos representativos, não podem ser considerados genuinamente humanos se não fruírem da liberdade. Então, Deus lhes impõe a famosa proibição, que por ser uma comunicação pessoal respeita a dignidade deles, e que por ser um mando lhes confere a liberdade: podem optar pela obediência ou pela desobediência. Essa plena liberdade de escolher se apresenta com grande clareza em muitos outros textos bíblicos, sobretudo em Deuteronômio 30.15-20 e em Isaías 1.19-20. Adão e Eva vão rapidamente descobrir o significado dessa escolha: a liberdade humana só pode existir obedecendo a Deus, desaparecendo tão logo se opte pela desobediência.

A menos que Gênesis 2.4b-3 seja completamente isolado e desconectado do resto da Bíblia Hebraica, o que nos parece inconcebível, suspeitamos que esse relato trate da liberdade humana: de onde, ou de quem veio; o que é na verdade; e sobretudo, o quanto é fácil perdê-la.

7 Explicação do Segundo Trecho: Capítulo 3

A - Nos versículos 1-7 observamos primeiramente que a serpente, apesar de a história das religiões considerá-la como sendo um animal sinistro,²⁷ é apenas uma das criaturas que Adão teve o privilégio de dar um nome em 2.19. Em comparação com os outros animais, o que distingue a serpente é a sua inteligência. Por ser tão perspicaz, a serpente tem condições de analisar a situação de Adão e Eva e de raciocinar sobre a proibição a que haviam sido submetidos. Em outras palavras, a serpente serve de porta-voz, exteriorizando os mesmos problemas lógicos, dos quais falamos há pouco, acerca da bizarra proibição. Ao examinar a proibição e a situação de Adão e

²⁶ Para uma boa discussão sobre o vínculo estreito entre o êxodo e as leis israelitas, veja Jose MIRANDA, *Marx and the Bible*, cap. 2, sobretudo p. 67-72.

²⁷ Von RAD, *Genesis*, p. 102.

Eva, a serpente salienta a incoerência lógica da proibição e afirma que eles não vão morrer se comerem da árvore do conhecimento de tudo. Longe disso, eles irão se parecer com Deus, passando a saber tudo.²⁸ Refletindo sobre o conjunto dos fatos, tais como ela e Adão conhecem, Eva decide comer a fruta proibida e logo depois também dá de comer a seu marido. O fato de Eva dar de comer a Adão não pode significar que ela seja a culpada, uma vez que ambos tinham vontade de comer.²⁹

A primeira pergunta que se sugere é a seguinte: visto que a argumentação da serpente é lógica e corretíssima, em que consiste o problema? Onde ele está? Lembremo-nos primeiramente que a principal característica dos comandos é operarem no nível pessoal – enquanto que as pragas são algo pré-pessoal e as leis algo pós-pessoal –, isto é, a proibição de comer da árvore do conhecimento de tudo, por mais que seja ilógica, contraditória e bizarra, estabelece um parentesco íntimo, uma ligação pessoal entre Deus e os seres humanos. Quando Adão e Eva se colocam a desconstruir a proibição, como se fosse um projeto de lei a ser debatido, dissolvem, assim, esse relacionamento íntimo e, por conseguinte, colocam-se num relacionamento pós-pessoal, tanto com Deus, como entre si, e mesmo com o ambiente. Daí Adão tentar colocar a culpa em Eva e esta, por sua vez, tentar culpar a serpente.

No relato, esse estado de coisas se apresenta como uma possibilidade sempre presente na vida humana e, também, dificilmente evitada. É importante notar que Adão e Eva não estão com más intenções para com Deus. Não estão buscando uma maneira de desobedecerem. Pelo contrário, eles utilizam ao máximo a grande inteligência que Deus lhes havia dado para tentarem obedecer até mais do que Deus esperava. Essa tentativa, que é basicamente piedosa, depende da correção e da superação de um evidente erro lógico que ia obstaculizar o desenvolvimento deles. Na verdade, nesse relato não há cul-

28 Von Rad quer ressaltar a sutileza psicológica da argumentação da serpente. No entanto, a serpente só resume o que o casal e nós leitores já devíamos pensar.

29 Cf. von RAD, *Genesis*, p. 90.

pados, mas apenas vítimas: sendo Deus vítima da desobediência deles, e sendo eles vítimas de um comando contraditório e ilógico no que diz respeito a todos os fatos por eles conhecidos. Vemos também que a desobediência a Deus não pressupõe uma má intenção, acontecendo de uma maneira completamente natural, reforçada e justificada por argumentos lógicos e sinceros.³⁰

Assim como disse a serpente, os olhos de Adão e Eva se abriram e, porque o ambiente foi despersonalizado, eles já não se sentem mais à vontade no jardim. Para tentarem mitigar seus novos sentimentos de insegurança, eles costumam aventais de folhos de figo. Considerando o que já foi dito acima a respeito das vestes no mundo antigo e deixando que 3.21 interprete 3.7, sabemos que o casal não se tornou puritano ou envergonhado de repente, mas simplesmente que está procurando auto-proteção.

B - O fato de que Deus, nos versículos 8-13, de um jeito antropomórfico, perambula pelo jardim, implica que, desde o ponto de vista de Deus, a ligação entre Deus e eles não tinha se alterado tanto. Quanto a Adão, ele quer se esconder,³¹ e é óbvio que Adão e Eva já se sentem alheados de Deus e de si mesmos, além de aparentemente apavorados diante do ambiente. Mas Deus vem ao encontro deles, dando um passeio no jardim como se nada tivesse acontecido.³² Então, de uma maneira muito pessoal - e não pós-pessoal - Deus apela para o homem, perguntando-lhe se havia comido a fruta proibida.

30 Cf. Elaine PAGELS, cit. apud Bill MOYERS, *Genesis*, p. 50

31 Cf. von RAD, *Genesis*, p. 91. Aqui von Rad queria descobrir uma grande verdade teológica: o homem não pode esconder-se de Deus. Afirma também que foi o medo que fez com que o homem se pusesse em fuga de Deus e que, desde então, o medo e a vergonha são os "estigmata incuráveis" da queda do homem. Com certeza, von Rad está exagerando. Primeiramente, nada indica que Adão vá ficar permanentemente com medo ou com vergonha. Nada indica, tampouco, que se trata de queda, sobretudo porque a Bíblia Hebraica não interpreta os eventos no jardim como sendo uma queda. Além do mais, Adão e Eva não são apresentados como indivíduos históricos de quem descendemos, mas sim como seres humanos representativos. Em todo caso, a noção de queda só foi introduzida na literatura israelita no período inter-testamental, isto é, séculos depois de os editores finais terem colocado o texto na sua forma atual. Veja WESTERMANN, *Creation*, p. 108-109.

32 Seria bom se outros críticos também notassem essa realidade: Deus não se sente alheado deles.

Tal conversa pessoal indica que Deus tem vontade de manter com os seres humanos a mesma ligação íntima de antes.

C - Os versículos 14-19 se dividem em três partes que, aparentemente, eram etiologias: (1) da inimizade entre serpentes e seres humanos; (2) da dor do parto; e (3) da dificuldade de cultivar a terra. Na forma atual do texto, entretanto, tais etiologias têm-se tornado conseqüências, mais ou menos naturais, da desobediência dos seres humanos. Não são apresentadas como punições, mas simplesmente como resultados lamentáveis.³³

D - Em 2.21, Deus colocou o terrestre num sono profundo, a fim de protegê-lo, e, em 3.14-19, vemos por que o homem precisava de proteção.

E - Notemos que em 3.22-23 Deus afasta os seres humanos do jardim, impedindo-os de comer também a fruta da árvore da vida, vivendo a partir de então nas árduas condições descritas em 3.14-19. Evidentemente Deus continua amando os seres humanos e querendo protegê-los. O fato de que em 3.21 Deus constrói para eles vestes robustas mostra-nos que Deus não se sente alheado dos seres humanos. Várias vezes o texto tem falado também na morte, mas vemos com clareza o que ela é na verdade: um limite misericordioso ao sofrimento dos seres humanos. Pelo menos, assim é que Deus concebe a morte.

33 Cf. von RAD, *Genesis*, p. 92-96. Von Rad diz que de agora em diante a vida humana vai ter um destino desgraçado. Devo explicar, porém, que tal interpretação depende do conceito de queda, que na época não existia, e que contradiz o sentido óbvio do texto. Então, von Rad está cometendo um belo exemplo de *eisegese*. Em todo caso, cabe perguntar se o estado do homem diante de Deus baseia-se unicamente na atitude do homem ou se a atitude de Deus não deveria ser levada em conta também. Vimos várias coisas que indicam que Deus não mudou de idéia a respeito dos seres humanos, ou seja, continua a amá-los e a querer protegê-los cada vez mais. Cf. PAGELS, cit. apud MOYERS, *Genesis*, p. 53.

8 Observações Sobre O Segundo Trecho: Capítulo 3

Deus colocou diante de Adão e Eva uma escolha que, por um lado é clara - obediência ou desobediência -, mas que por outro é bastante ilógica, contraditória e confusa. Motivados pelo desejo piedoso de obedecerem ainda mais do que Deus esperava, o que implica na correção do aparente erro lógico da proibição, Adão e Eva descobrem que a escolha não é tão clara e que, de fato, a desobediência se confunde facilmente com a obediência. Escolhendo mal, embora com as melhores intenções, Adão e Eva perdem a liberdade, o sossego e, por conseguinte, são compelidos a sofrer as conseqüências dessa perda. Talvez porque essa escolha se apresenta aqui como sendo tão pouco clara, é que o resto da Bíblia Hebraica faz um grande esforço para convencer o leitor de que, na verdade, a escolha entre obediência e desobediência é clara e inegável.³⁴ Mas, penso que a vida humana se torna mais interessante por essa escolha ser tão confusa. Se ela fosse clara, um ser humano teria de possuir a consciente intenção de pecar para fazê-lo. Então, a vida seria pintada em branco e preto e o mundo seria povoado apenas por pessoas obviamente boas e por pessoas obviamente más. Porém, como acontece no relato, pessoas dotadas não somente de ótimas intenções, mas também das mais belas qualidades pessoais, e além disso armadas com uma argumentação corretíssima, caem na desobediência e sofrem as conseqüências. Isso faz com que a vida vai se tornando complexa e interessante, tanto para nós como para Deus. Eu diria até mesmo que o desencontro dos seres humanos com Deus não consiste exatamente no pecado, porque esse, tendo via de regra na Bíblia Hebraica a conotação de violência, terror, rebelião ou ação monstruosa,³⁵ seria fácil de identificar, enquanto que a vida, tal como se apresenta no relato, não é nada fácil. Em todo caso, à luz desse relato, o pecado parece ser apenas o sintoma de outro problema mais profundo, que reside na enorme capacidade humana de auto-engano, sobretudo quando as circunstâncias da vida humana diante de Deus

34 Veja sobretudo Dt 30.15.

35 Veja von RAD, *Old Testament Theology*, v. 1, p. 262-264.

levam à confusão. Afirmo, então, que o relato de Adão e Eva não trata do pecado propriamente dito, mas sim do auto-engano, que naturalmente tem condições de levar ao pecado e que deveria ser entendido não somente como um fenômeno ubíquo na vida humana, mas também como a origem de todos os desencontros entre Deus e os seres humanos.

Sejamos honestos: Deus deveria Ter previsto o problema do auto-engano humano, mas não fez nada para esclarecer a escolha e assim prevenir o desencontro com Adão e Eva. Pelo contrário, fez de tudo para ofuscá-la. Por quê? Devido à imensa diferença entre Deus e os seres humanos e à enorme capacidade humana de auto-engano. Hesito em responder, sabendo que na verdade ninguém, à exceção do próprio Deus, tem condições de responder de uma forma adequada. Contudo, eu queria oferecer a idéia seguinte baseada nos seguintes relatos: Gênesis 1.1-2.4a e Gênesis 2.4b-3.

O ser humano não pode desempenhar o papel de representar Deus na terra a menos que possas manter uma ligação pessoal, íntima e até mesmo amorosa com Deus. Qualquer coisa que perturbe essa ligação torna o ser humano inútil no desempenho do seu papel e, além disso, impede Deus de fruir o amor que Ele quer receber do seu parceiro íntimo, o ser humano. Então, o que perturba, a mais das vezes, essa ligação amorosa entre Deus e os seres humanos? Claro, é o auto-engano humano, que nos faz acreditar que estamos sendo fiéis a Deus enquanto, na verdade, desobedecemos. E qual é o primeiro indício de que temos desobedecido? A perda de nossa liberdade,³⁶ que não existe fora de uma ligação fielmente amorosa com Deus. Notemos que, conforme o relato, há um ciclo, ou um paradigma, nas relações Deus/seres humanos: (1) Deus nos coloca numa ligação amorosa com ele, dando-nos a liberdade de fazer uma escolha; (2) nosso auto-engano se põe em ação, fazendo com que escolhamos mal e desobedecemos; (3) perdemos, por conseguinte, nossa liberdade e nosso sossego; e (4) Deus faz de tudo para entregar-nos tanta liberdade quanto possível na forma de proteção, ternura, amor e, até mesmo, libertação, dando-nos, assim uma nova oportunidade de escolher bem.

36 Gen 3.14-19 mostra as conseqüências dessa perda.

Mas por que Deus nos deu essa enorme capacidade de auto-engano? Sugiro que o auto-engano é parte integral da nossa inteligência. E por que Deus se preocupa tanto com a nossa liberdade? Bem, é impossível para Deus saber com certeza que o meu amor para com ele não é nem interessado nem constrangido, a não ser que eu seja livre para não amar. Então, nosso auto-engano, assim como o pecado a que ele pode nos levar, são o risco que Deus corre não somente para assegurar-se de ser amado autenticamente, mas também para manter em vigor a possibilidade de nos tornarmos mais humanos, comprometendo-nos mais e mais com a ligação amorosa que Ele deseja ter conosco.

9 Reflexão Sobre O Ciclo Mencionado

Quanto ao ciclo das relações Deus/seres humanos, do qual acabamos de falar na seção precedente, é óbvio que se os seres humanos (e *a fortiori* o povo de Israel) ficassem atolados na etapa (3), o projeto divino, que consiste em criar parceiros capazes de representá-lo na terra, seria um fracasso tremendo. Daí a preocupação divina com a nossa liberdade e a disposição divina de perdoar-nos. Compreendemos, então, porque o êxodo do Egito é um evento central na Bíblia Hebraica. Compreendemos também porque Deus quis que os israelitas vagassem quarenta anos no deserto: para aprenderem a apreciar a liberdade. Entendemos também porque o pacto mosaico enfatiza a liberdade dos israelitas e tenta garanti-la. Entendemos também porque os profetas não se cansam de ressaltar o fato lamentável de que Israel tornou-se um novo Egito, perdendo assim a sua liberdade.³⁷ Notamos também que os provérbios ensinam como preservar a liberdade no dia-a-dia, que muitos trechos dos salmos referem-se ao êxodo e celebram-no em poesia e canção,³⁸ que no livro de Jó nossa relação com Deus não depende de legalismo e sim de liberdade e amor, que no

37 Os profetas se referem freqüentemente ao evento do êxodo, interpretando eventos da época deles à luz do êxodo. Veja Am 2.10; 3.1; 4.10; Is 10.24, 26; 11.16; Jr 2.6-7; 7.22-26; 11.3-8; 32.16-24; Os 2.15; 8.13b; 11.1; Mq 6.4; 7.15; etc.

38 Veja Salmos 78, 80, 81, 105, 106, 114, 135, 136.

livro de Jonas a necessidade divina de perdoar os povos e assim restaurar a liberdade e a humanidade deles tem prioridade sobre qualquer idéia humana à respeito da justiça ou da ordem, e que nos livros históricos da Bíblia Hebraica o povo de Israel perde sua liberdade por ter repetidamente desobedecido à *Torah*. Mas, finalmente, e apesar de tudo, Deus não está disposto a deixá-lo ficar exilado ou escravizado. Então, não é exagero algum afirmar que a liberdade, formando-se o contexto necessário para uma nova tentativa por parte dos seres humanos de escolher bem e obedecer a Deus, constitui-se como o conceito-chave da Bíblia Hebraica. Esse conceito se apresenta de uma forma muito concentrada no relato de Adão e Eva, onde, no breve espaço de alguns versículos, os seres humanos passam por todo o ciclo das relações Deus/seres humanos.

10 Mais Algumas Evidências

Antes de terminar essa discussão sobre Adão e Eva, quero juntar mais alguma evidência de que esse relato não implica absolutamente em uma queda, se essa se define como sendo um estado em que todos os seres humanos recebem, como que por herança, o ônus do pecado de Adão e Eva, ficando cativos do pecado e não tendo condições de evitá-lo. Já vimos várias vezes que Adão e Eva não se apresentam no relato como sendo nossos ancestrais, mas sim como sendo nós mesmos em todos os momentos da nossa vida. Então, não se trata absolutamente de herança. Também vimos que não se trata nem mesmo do pecado no sentido normal do termo. Contrariamente às interpretações recebidas, os seres humanos não se encontram cativos do pecado e este não é nada inevitável.

Logo depois de Adão e Eva serem afastados do jardim por um Deus atencioso e preocupado com o bem-estar deles, os amantes brincam, Eva concebe e dá a luz a Caim. Então, Eva exclama: “Em cooperação com Deus criei um homem.” Uma pessoa, supostamente deturpada pelo pecado, teria condições de fazer uma observação tão profunda, tão espiritual?

Mas isto não é ainda a prova suplementar que eu queria mostrar. Consideremos o caso de Caim e Abel (Gênesis 4). Caim está desapontado porque Deus havia se agradado com a oferta de Abel e não da sua. Caim fica raivoso e o semblante lhe descai. Nessa altura, Deus pergunta a Caim por que anda irado e decepcionado, além de assegurá-lo, dizendo que se se sair bem, será aceito, e se não se sair bem, contudo, terá condições de dominar o pecado, isto é, de não pecar. Pois bem, se os seres humanos estivessem “caídos”, e assim incapazes de evitar o pecado, essa declaração de Deus a Caim não teria sentido. Em outras palavras, o próprio Deus afirma que somos capazes de não pecar. Lamentavelmente, Caim não presta atenção e não se deixa convencer. Antes disso, decide matar seu irmão. Mas a afirmação divina permanece. Deus mesmo diz que não houve queda alguma.

11 Pós-Escrito Concludente e Não-Científico

Vimos no relato de Adão e Eva que todos os elementos do enredo agem em conjunto para produzir um desencontro entre Deus e os seres humanos. Esses enganam-se e acabam desobedecendo, mesmo querendo obedecer.³⁹ Por conseguinte, sentem-se alheados em vários sentidos e devem sofrer as conseqüências de sua alienação. Mas o importante é que Deus nunca se sente alheado deles. Pelo contrário, Deus torna-se cada vez mais atencioso e terno para com eles, e nunca abre mão da possibilidade de os seres humanos aprenderem a obedecer. Com efeito, Deus se esforça para manter uma relação íntima com eles, o que se vê sobretudo na cooperação de Eva com Deus na criação de um homem, e ainda mais na ternura com que Deus fala a Caim. Por mais que a escolha oferecida a Adão e Eva confunda e leve à desobediência, e por mais que Caim descuide dos conselhos de Deus, esse declara-se convencido de que nos é possível dominar o pecado. Notemos

39 Para uma interpretação tradicional desse desencontro veja Nahum SARNA, *Understanding Genesis*, p. 29.

que essa declaração divina de confiança nos seres humanos acontece num momento de grande intimidade entre Deus e Caim. Lamentavelmente, Caim não aprecia essa intimidade, nem tem confiança em Deus. O significado implícito é o seguinte: o melhor, senão o único, modo de não nos enganarmos, de obedecermos a Deus e assim preservarmos a nossa liberdade e desenvolvermos a nossa humanidade encontra-se numa ligação confiante e íntima com Deus.

Referências Bibliográficas

- BÍBLIA *Sagrada*. Petropólis: Vozes, 1984.
- CHILDS, Brevard S. *Biblical Theology of the Old and New Testaments*. Minneapolis: Fortress Press, 1992.
- INTERPRETER'S Dictionary of the Bible. Nashville: Abingdon, 1962.
- KLEIN, Ralph W. *Israel in Exile: A Theological Interpretation*. Philadelphia: Fortress Press, 1979.
- MIRANDA, Jose P. *Marx and the Bible*. Maryknoll, New York: Orbis, 1974.
- MOYERS, Bill. *Genesis: A Living Conversation*. New York: Doubleday, 1996.
- SARNA, Nahum M. *Understanding Genesis: The Heritage of Biblical Israel*. New York: Schocken Books, 1974.
- RAD, Gerhard von. *Genesis*. Philadelphia: Westminster Press, 1972.
- _____. *Old Testament Theology*. Vol 1. New York: Harper and Row, 1962.
- WESTERMANN, Claus. *Creation*. Philadelphia: Fortress Press, 1974.

Robert Butterfield
1311 1st Avenue
Sterling, IL
61081-2314
Estados Unidos
bcube@theramp.net